



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

UM PANORAMA DA LEITURA E DO ENSINO DE LEITURA A PARTIR DE UM PONTO DE VISTA PSICOLINGUÍSTICO



AN OVERVIEW OF READING AND TEACHING READING FROM A PSYCHOLINGUISTIC POINT OF VIEW

Maria Clara Machado MARTINS
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Luis Horta da CUNHA
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 23/06/2021 • APROVADO EM 27/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3549>

Resumo

Nesse artigo dissertamos sobre conceitos relativos a Psicolinguística e Leitura, trazendo informações desenvolvidas por diferentes autores dessa área, e, em grande parte, utilizando a obra *Psicolinguística, psicolinguísticas* de Maia (2015). São abordadas características da área da psicolinguística e como se dá o processo de leitura. Além disso, tratamos também sobre os distúrbios de linguagem, possibilitando uma percepção relativa ao ensino-aprendizagem da leitura e como esta poderia ser desenvolvida em sala de aula. O intuito desse artigo é instigar uma discussão sobre a importância da leitura e de seu ensino, observados a partir de uma óptica psicolinguística. Concluímos que abordagens pedagógicas de ensino-aprendizagem são de extrema importância para a aprendizagem da leitura pelo aluno ou até mesmo para que seja possível reaprender ou preservar a

habilidade linguística em pessoas que sofreram algum acidente ou são acometidos por alguma doença.

Abstract

In this article, we discuss concepts related to Psycholinguistics and Reading, bringing information developed by different authors in the area, and, in great part, using the work *Psicolinguística, psicolinguísticas* by Maia (2015). Characteristics of the psycholinguistics area and how the reading process takes place are discussed. In addition, we also deal with language disorders, providing insight into the teaching and learning of reading and how it could be developed in the classroom. The purpose of this article is to instigate a discussion about the importance of reading and its teaching, observed from a psycholinguistic perspective. Thus, we conclude that teaching-learning pedagogical approaches are extremely important for the student's learning to read or even to enable the relearning or preservation of language skills in people who have suffered an accident or are affected by some disease.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Psicolinguística; leitura; aprendizagem; alfabetização; dislexia.

Keywords: Psycholinguistics; reading; learning; literacy; dyslexia.

Texto integral

Considerações Iniciais

Nesse artigo, abordamos questões psicolinguísticas que têm como interesse explicar os mecanismos cognitivos e mentais que envolvem a capacidade de leitura humana, e, também, como alguns distúrbios podem modificar os processos que estão ligados a esse assunto. Para isso, discutimos sobre questões acerca do cérebro humano que estão relacionadas ao processo de leitura, e levantamos a questão de qual é o papel da educação em relação à leitura. Vemos, também, que a presença de pessoas que estão em diferentes espectros de diversas patologias chama para uma reflexão sobre a observação da aprendizagem, visto que esses indivíduos podem apresentar uma gama enorme de variedades e peculiaridades quando se trata de ensino-aprendizagem.

Dessa forma é necessário apresentarmos a conceituação de Psicolinguística, além de qual seu foco de estudo e métodos experimentais. A partir da visão psicolinguística e com o texto de Leonor Scliar-Cabral (2015), vemos sobre a elaboração de sistemas gráficos que possam representar uma língua, da evolução dos sistemas gráficos e um método de alfabetização elaborado por esta autora. Além disso, abordamos sobre alguns processos da leitura, como por exemplo a codificação e decodificação, rota fonológica e rota lexical. Abordamos, também, que a leitura possui subdivisões, como exemplo: processamento lexical, sintático, semântico, construção de esquemas etc., e algumas estratégias de atividades que têm o intuito de ajudar os alunos a desenvolverem cada uma dessas subáreas (COSCARELLI, 1996).

Por fim, brevemente, dissertamos sobre dificuldades de aprendizagem e como o distúrbio da linguagem, especificamente a dislexia, pode afetar o desenvolvimento do aluno, e, tendo isso em mente, percebemos como é importante que haja estratégias de ensino-aprendizagem para que os alunos desenvolvam a leitura da melhor forma possível. Portanto, para apresentarmos esses pontos, dividimos esse artigo nas seguintes seções: Psicolinguística; Leitura, decodificação e compreensão; Psicolinguística, sistemas gráficos e alfabetização; Leitura e aprendizagem; Habilidades Cognitivas e Dificuldades de Aprendizagem, e, por fim, Considerações Finais.

Psicolinguística

Hübner (2015, p.101), em seu texto intitulado “Distúrbios da Linguagem”, traz a diferença das áreas de Psicolinguística e Neurolinguística: “enquanto a Psicolinguística se interessa em “como” se dá o processamento da linguagem, incluindo seus distúrbios, a Neurolinguística agrega a isso o interesse em “onde” esse processamento ocorre”. Ainda com Hübner (2015), vemos então que essas duas áreas têm interesses em estudar como a linguagem acontece em diversos âmbitos: nos níveis gramaticais, nas diversas modalidades e manifestações da língua, na produção e na compreensão da linguagem, mas com a diferença que a Neurolinguística se preocupa em relacionar o processamento dessas questões com o local onde elas ocorrem no cérebro humano.

Tendo neste artigo a Psicolinguística como foco, de acordo com Leitão (2011), a Psicolinguística abarca questões como aquisição da linguagem verbal, sendo esta do campo da Psicolinguística Desenvolvimentista, e como ocorre a produção e compreensão da linguagem verbal, sendo estas duas do campo da Psicolinguística Experimental. Já com Morais e Kolinsky (2015, p.130) temos que

A Psicolinguística da leitura examina os mecanismos cognitivos de processamento durante a leitura e o faz recorrendo ao método experimental característico das ciências da natureza, em particular criando situações (paradigmas) tais que, a partir do comportamento registrado, se possam inferir os processos utilizados.

Dentro da Psicolinguística Experimental existem métodos experimentais denominados de *on-line* e *off-line*: os métodos *on-line* são capazes de medir as reações enquanto elas ainda estão acontecendo, ou seja, assim que a leitura ou audição está sendo realizada, capturando o tempo seja da reação seja da resposta; já os métodos *off-line*, ao contrário dos métodos *on-line*, medem as respostas após as reações terem sido realizadas (LEITÃO, 2011). Alguns métodos *on-line* são: leitura automonitorada, *priming* (podendo ser lexical, morfológico, sintático, semântico, *cross-modal*), e *eye-tracker* (LEITÃO, 2011; MORAIS; KOLINSKY, 2015). Já em relação aos métodos *off-line*, Derwing e Almeida (2005, p.407) citam seis exemplos:

(1) Testes de segmentação; (2) Testes de julgamento com escala; (3) Testes de manipulação de seqüências (ou ‘experimentos com jogos de palavras’); (4) Estudos do tipo ‘Berko’ (Mini-Línguas Artificiais); (5) Classificação de estímulos (ou ‘formação de conceitos’); (6) Testes com recordação e reconhecimento.

Os métodos *off-line* ainda trazem algumas vantagens práticas em relação aos métodos *on-line*, pois, de acordo com Derwing e Almeida (2005), enquanto os métodos *off-line* podem ser feitos a distância, com grupos de pessoas, não sendo necessários equipamentos como o *eye-tracker*, os métodos *on-line* requerem que a coleta de dados seja feita individualmente, usando computadores que tenham caixa de resposta, ou outros equipamentos como até mesmo um eletroencefalograma. Por outro lado, os métodos *on-line* capturam a medida de tempo do processamento.

Na seção a seguir, veremos sobre como se dá o processo de codificação e decodificação da leitura, do ponto de vista da Psicolinguística.

Leitura, decodificação e compreensão

Leitura, de acordo com Coscarelli e Novais (2010, p.35) “deve ser vista como um sistema dinâmico, aberto, auto-organizado e, por isso, complexo”, ressaltando que o termo complexo “é aquilo que não gera certeza, é o que pode apresentar surpresa, porque uma pequena interferência pode mudar todo o comportamento do sistema” (COSCARELLI; NOVAIS, 2010, p.35).

Ainda de acordo com Coscarelli (2002, p.2), podemos dividir a leitura em duas partes:

uma que lida com a forma lingüística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdivido em processamento lexical e processamento sintático. O processamento do significado será subdividido em três partes: a construção da coerência local, a construção da coerência temática e a construção da coerência externa.

De acordo com a autora, processamento lexical é um dos domínios da leitura, e, nele, ocorre a ativação de informações de vários níveis: fonológicas, fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Além disso, existem fatores que podem facilitar ou dificultar esse processamento, dentre eles: 1) complexidade silábica; 2) tamanho da palavra; 3) frequência da palavra; 4) frequência subjetiva; 5) probabilidade de ocorrência da palavra em determinado contexto; e 6) ambigüidade lexical (COSCARELLI, 2002). Em relação ao processamento sintático, Coscarelli (2002, p.6) afirma que “feita a identificação das palavras, o leitor deve estruturá-las sintaticamente. Como o processamento lexical, essa operação é normalmente realizada muito rapidamente e sem o controle consciente do leitor”. Há, também, fatores que podem influenciar o processamento sintático, sendo eles: 1) canonicidade e complexidade sintática; 2) familiaridade do leitor com a

estrutura sintática; 3) presença de frases labirintos; e 4) ambiguidade sintática (COSCARRELLI, 2002). Após o processamento lexical e sintático (sendo, então, o processamento da forma linguística), outros domínios da leitura recebem essas informações dadas por esses dois processamentos, e, a partir daí, trabalham e elaboram o significado da frase e do texto, ocorrendo, então, o processamento do significado.

Como dito acima, o processamento do significado se divide em três partes. A primeira, construção da coerência local, é onde se dá a “análise do significado das frases e das relações entre elas” (COSCARRELLI, 2002, p.9). Sobre a segunda parte, construção da coerência temática, “o leitor relaciona o significado das sentenças entre si, construindo com elas uma representação semântica de partes maiores do texto ou do texto inteiro” (COSCARRELLI, 2002, p.14). E sobre a terceira parte, construção da coerência externa, o leitor, para fazer a interpretação do texto, utiliza de seu conhecimento prévio. É nesta terceira parte que o conhecimento do leitor pode ser modificado a partir das informações obtidas na leitura. Assim como no processamento lexical e processamento sintático, há fatores que podem influenciar o processamento do significado. Também há fatores em comum na construção da coerência local e coerência temática: familiaridade do leitor sobre o tema; manutenção do tópico; adequação do significado; presença de metáfora ou sentido figurado não comuns; ambiguidade semântica; coesão e contradição (COSCARRELLI, 2002). Além desses fatores, há mais três fatores que influenciam a coerência temática, mas que não influenciam a coerência local: familiaridade com o gênero textual; organização do texto; e identificação das ideias mais importantes do texto pelo leitor. Já em relação aos fatores que influenciam a construção da coerência externa, há apenas dois além dos já citados sobre a construção da coerência temática: a capacidade do leitor em relação a alguns processos cognitivos e a memória do leitor (COSCARRELLI, 2002).

Souza e Gabriel (2009) falam que o primeiro nível do processo de leitura é a decodificação, sendo que esta dá acesso ao código e, além disso, as autoras ressaltam a importância de automatizar essa habilidade por meio de práticas de leituras. As autoras destacam que, de acordo com o processamento de palavras, há duas formas de ler: a primeira, pela rota fonológica e a segunda, pela rota lexical. Sobre a rota fonológica, Souza e Gabriel (2009, p.49) dizem que “o acesso ao significado passa pela recodificação do sinal gráfico em sua contraparte sonora, ou seja, a leitura passaria pela associação grafema – fonema e, a partir da imagem sonora seria possível o acesso ao significado” e essa forma de ler é mais comum em leitores iniciantes. Já a rota lexical “dá acesso direto ao significado, via forma ortográfica da palavra. A utilização dessa rota pressupõe que o leitor conheça a forma ortográfica da palavra” (SOUZA; GABRIEL, 2009, p.49), sendo assim, mais comum em leitores experientes. Porém, a distinção entre a rota fonológica e a rota lexical não se faz somente pela proficiência do leitor, mas na verdade pelo uso de cada rota: “a utilização da rota lexical pressupõe maior experiência com textos escritos, ao passo que a rota fonológica permitirá a leitura de palavras novas ou de baixa frequência de uso, ou, ainda, de palavras irregulares e pseudopalavras” (SOUZA; GABRIEL, 2009 p.49-50), sendo que, a partir daí, se dá a construção do significado das palavras.

Sobre a compreensão do texto, temos com Souza e Gabriel (2009, p.51) que “após processar cada palavra, o leitor precisa construir uma representação mental dos sentidos do texto, o que se dá através da integração/organização dos sentidos de palavras, frases e parágrafos em uma rede de significados”. Em relação ao papel dos hemisférios direito e esquerdo sobre a compreensão do texto, citando Newman e colaboradores (2004), Souza e Gabriel (2009) trazem que enquanto o hemisfério esquerdo trabalha com o processamento lexical, semântico e sintático, por sua vez, o hemisfério direito é responsável por integrar o conhecimento de mundo do leitor com as informações do texto, além de inferir e compreender a linguagem figurada, sendo assim, os hemisférios esquerdo e direito trabalham em conjunto para a compreensão do texto. Ainda com Souza e Gabriel (2009, p.53), conclui-se que o “bom desempenho em leitura depende do sucesso na realização de cada uma das etapas do processo”. De acordo com os pontos levantados por essas autoras, percebemos, assim, que há várias etapas no processo de leitura e a importância de todas elas serem trabalhadas para o melhor desenvolvimento dos alunos.

Psicolinguística, sistema gráficos e alfabetização

No texto “Psicolinguística e Alfabetização”, Leonor Scliar-Cabral (2015) expõe algumas questões relacionadas à habilidade do ser humano de ler e sobre a elaboração de um sistema gráfico para a representação de uma língua. É válido ressaltar que, assim como é mostrado na obra em questão, a aprendizagem de um sistema de escrita é algo que está relacionado diretamente com o contexto linguístico em que o indivíduo está inserido. Como exemplo, podemos observar o alfabeto chinês. Esse alfabeto utiliza caracteres que, ao serem utilizados, representam algo, e esses caracteres em conjunto formam símbolos que, por sua vez, também são usados para representar algo. Scliar-Cabral (2015) faz uma análise histórica dos sistemas de escrita possibilitando a percepção de que esses sistemas teriam uma evolução natural para se aproximarem de uma forma de representação fonética, similar ao alfabeto latino, aquele que é usado no português. Notamos, então, que os sistemas gráficos de escrita tem um forte direcionamento sociocultural, e que os seres humanos têm uma tendência de aproximá-los da língua falada.

Enquanto que, por um lado, o ser humano é capaz de produzir sistemas gráficos para a representação de línguas, por outro lado, é importante frisarmos que os “neurônios da leitura não são geneticamente programados para o reconhecimento da palavra escrita” (SCLIAR-CABRAL, 2015, p.115), e, além da leitura e da alfabetização não serem habilidades compulsórias, seria necessário um desenvolvimento técnico do ser humano. Ou seja, a habilidade de leitura e a alfabetização precisam, de alguma forma, serem mediadas por alguém que possua estes conhecimentos já que, diferentemente da língua oral que só precisa da imersão, estas outras duas habilidades precisam de um treinamento. Com essa autora, vemos ainda sobre reciclagem dos neurônios da visão para que seja possível o reconhecimento de letras:

Esses neurônios, situados na região occipitotemporal ventral esquerda, deverão aprender (ser reciclados) e automatizar o reconhecimento da direção, da posição (aspectos topológicos) e do número (aspectos matemáticos) de traços que entram na composição das letras. Os neurônios da visão para reconhecer rostos, artefatos, casas ou demais entidades da natureza foram programados geneticamente para desprezar a posição e direção de uma dada entidade no espaço (...). (SCLIAR-CABRAL, 2015, p.115).

Percebemos, então, que a partir da reciclagem dos neurônios que foram geneticamente programados para a nossa visão, é possível reconhecer formas, como por exemplo, um carro ou uma casa, independentemente do espaço ou direção que estão ocupando. Mas, também, é possível aprender e reconhecer a composição das letras, passo importante para a alfabetização e ensino de leitura. Portanto, as informações expostas por Scliar-Cabral (2015) demonstram que nossos neurônios não possuem a capacidade inata para a leitura, sendo assim, precisamos que outras habilidades e áreas do nosso cérebro contribuam com a capacidade de lermos e identificarmos os sistemas gráficos.

Por fim, ressaltamos que para alfabetizarmos o indivíduo, de modo eficaz, é preciso ensiná-lo a reconhecer os traços das letras, do melhor jeito e com a maior facilidade que o indivíduo possa alcançar. Pensando nisso, em seu método de alfabetização, Scliar-Cabral (2015) fala que uma forma eficaz de alfabetizar seria o professor instigar o estudante a utilizar os dedos para acompanhar a direção dos traços que constroem cada letra, que por sua vez, constituem uma palavra do texto que deverá ser lido de forma interativa pelo professor, e, dessa forma, focando em ensinar ao estudante o som ao qual a letra é associada, gerando uma consciência fonêmica ao estudante. Temos, então, que é imprescindível a necessidade de atentarmos ao fato de que a alfabetização precisa de um processo escolar efetivo que dê ao aprendiz a total capacidade para reconhecer e decifrar o sistema gráfico de sua língua.

Leitura e aprendizagem

Diferentemente da língua oral, a leitura não é adquirida. Ela, assim como a escrita, é aprendida de forma sistemática. Com a escrita, temos uma representação da língua oral, ou seja, uma codificação da fala, e, inversamente, a leitura decodifica o que a escrita codificou (MORAIS; KOLINSKY, 2015). Para Moraes e Kolinsky (2015, p.129)

a habilidade específica à leitura é a que permite processar as palavras escritas de uma língua de tal maneira que o leitor, utilizando o conhecimento explícito que adquiriu do respectivo código ortográfico, possa com rapidez e exatidão reconhecer ou identificar as palavras orais correspondentes.

O papel das escolas no ensino-aprendizado da leitura é de extrema importância. Com Coscarelli (1996), vemos que a leitura possui algumas subdivisões, e que considerar essas subdivisões pode ser mais favorável para

identificar as dificuldades dos alunos, assim como para propor estratégias para trabalhar com essas dificuldades. Essas subdivisões são: processamento lexical; processamento sintático; processamento semântico; construção de esquemas; processamento integrativo; e processos inferenciais (COSCARRELLI, 1996). Coscarelli (1996) apresenta algumas atividades que podem ser feitas de acordo com cada uma dessas subdivisões. Para o processamento lexical, a autora traz a ideia de os alunos jogarem jogos que trabalham com a identificação de palavras e que são medidos com tempo, dessa forma os alunos irão desenvolver “o automatismo que o processamento lexical requer” (COSCARRELLI, 1996, p.3). Já em relação ao processamento sintático e processamento semântico, a autora traz a ideia de trabalhar com frases ambíguas, dessa forma os alunos estariam desenvolvendo esses dois processamentos, em conjunto, de forma que tanto as possíveis estruturas da frase quanto os sentidos seriam analisados. Ainda sobre o processamento semântico, seria importante trabalhar os mecanismos coesivos e a coerência de um texto, e, sobre isso, um exemplo de atividade dada por Coscarelli (1996) é reorganizar a ordem de um filme ou de um texto. Na subárea de construção de esquemas, “o leitor relaciona as unidades de significado entre si, construindo com elas uma representação semântica global do texto. Essa representação é construída a partir das informações retiradas do texto ou inferidas pelo leitor” (COSCARRELLI, 1996, p.5). Dessa forma, uma atividade proposta pela autora seria montar uma história, seja com desenhos, objetos, imagens – mas sem estímulos verbais – montando assim um varal de histórias, e, após, instruir os alunos a ler a história montada para que se possa verificar se essa história contém informações suficientes ou se cabe modificações. Sobre o processamento integrativo, tem-se que nessa subárea da leitura, ocorre a integração do conhecimento de mundo que o leitor já possui com as informações novas que contém no texto que se está lendo, seja acrescentando informações ou modificando-as (COSCARRELLI, 1996). Uma atividade proposta por essa autora para essa subárea é pedir aos alunos que listem pontos relativos a determinado assunto, e, após pedir a leitura de outro texto sobre este mesmo assunto, também produzindo uma lista. Assim, após esse exercício, os alunos fariam uma comparação entre essas duas listas, integrando as informações das duas, uma completando a outra. Por último, sobre os processos inferenciais, Coscarelli (1996, p.6) afirma que eles “são a alma da leitura. Quem não faz inferências não lê. O leitor proficiente sabe fazer os diversos tipos de inferências que o texto escrito exige”. Alguns exemplos dados pela autora de como estimular a inferências pelos alunos são: fazer perguntas que exijam respostas que terá analogias e generalizações; leituras que contém pausas protocoladas, ou seja, “o professor lê uma parte da história e faz várias perguntas aos alunos para que eles façam previsões sobre o que vai acontecer” (COSCARRELLI, 1996, p.8), trabalhando assim com relação de causa e consequência; exercícios que os alunos precisam preencher lacunas para completar o texto; e por último, há o exemplo em que os alunos escrevem sobre determinado assunto, dando dicas para seus colegas para que estes adivinhem sobre o que está sendo falado (COSCARRELLI, 1996). Pensando na leitura como sendo a junção de todas essas subáreas, temos que a partir do momento que há dificuldades em uma subárea ou mais, a leitura como um todo é prejudicada. Dito isso, vemos a importância de se trabalhar com atividades relativas a cada uma

dessas subáreas para que se identifique possíveis dificuldades dos alunos e, caso haja, que se façam estratégias de ensino-aprendizado para que os alunos possam desenvolver a leitura da melhor forma possível.

Habilidades cognitivas e Dificuldades de Aprendizagem

Com o progresso das neurociências e da psicologia, novas percepções sobre a mente foram se desenvolvendo e se relacionando com outras áreas, como por exemplo, a psicolinguística e a neurolinguística. Um dos objetos de estudos mais importantes atualmente para estes campos têm sido as habilidades cognitivas, pois como definido por Hübner (2015), é através delas que adquirimos conhecimentos sobre nós mesmos e sobre o mundo. A linguagem, sendo uma dessas habilidades cognitivas, estaria presente na nossa mente e se conectaria a outras habilidades cognitivas, por exemplo com a memória, com a atenção, com a capacidade de processar imagens, etc. No entanto, em certos casos, como a doença de Alzheimer, nossas habilidades cognitivas – sendo a linguagem uma delas – podem sofrer alterações com consequências prejudiciais ao desenvolvimento ou permanência de habilidades do indivíduo (HÜBNER, 2015).

Com Hübner (2015), vemos que em 1861 e 1973, respectivamente, os pesquisadores Broca e Wernicke, conseguiram identificar onde acontece, especificamente, a interpretação dos dados linguísticos em nosso cérebro. Com isso, e pensando nas alterações das habilidades linguísticas, é necessário observar que podem haver situações em que a língua escrita e a língua oral sofrem impactos diferentes: há certos casos de afasia em que a produção da fala e escrita são as maiores prejudicadas, enquanto em outros casos, é a compreensão oral e escrita que sofrem mais. Sendo assim, percebemos que é preciso ter uma visão ampla sobre as funções cognitivas. Atualmente, há três grupos de técnicas que são capazes de relacionar as atividades de processamento linguístico com as áreas cerebrais: “técnicas eletromagnéticas de neuroimagem funcional, as técnicas hemodinâmicas de neuroimagem funcional e a estimulação magnética transcraniana” (HÜBNER, 2015, p.105).

As dificuldades de aprendizagem da leitura também podem ocorrer seja por fatores ambientais, como por exemplo alimentação precária, métodos de ensino que não englobam as dificuldades dos alunos e/ou métodos de ensino pouco elaborados. Mas, também, as dificuldades de aprendizagem podem decorrer de algum distúrbio da linguagem.

Ainda de acordo com Hübner (2015, p.99), “distúrbios da linguagem são alterações manifestadas na linguagem do indivíduo, que podem ocorrer tanto na produção da fala ou da escrita quanto na compreensão oral ou na leitura”. Além disso, vemos com essa autora, que os distúrbios podem ser manifestados em qualquer idade em que o indivíduo empregue linguagem e também podem ter origens genéticas (espectro do autismo) ou serem adquiridos (traumatismos cranianos). Um outro exemplo de distúrbio da linguagem é a dislexia e temos dois tipos: dislexia adquirida e dislexia de desenvolvimento, sendo esta última hereditária. A dislexia é, especificamente, uma dificuldade na leitura e na escrita.

A dislexia pode acarretar dificuldades na aprendizagem, e é necessário pensar em estratégias de ensino para suprir possíveis dificuldades apresentadas

por alunos com esse distúrbio linguístico, em específico. Seja dificuldades de aprendizagem ocasionadas por fatores externos, seja dificuldades de aprendizagem ocasionadas por outros fatores, como algum distúrbio da linguagem, é de extrema importância que os alunos recebam estímulos para desenvolver a aprendizagem da leitura tanto na escola quanto em casa, de forma que as dificuldades particulares de cada um sejam atendidas.

Considerações Finais

A Psicolinguística é um campo de estudo relativamente novo, se comparado com outros campos de estudo como a filosofia e a biologia. Como vimos anteriormente, a Psicolinguística se interessa em estudar como se dá o processamento linguístico, e definir seu objeto de estudo pode ser complicado, pois é um objeto amplo: a relação entre a língua e a mente. Além, também, de ser uma relação complexa, já que não conseguimos mapear todas as nossas habilidades mentais. Apesar de ainda não compreendermos a mente por inteiro, a língua e a mente já demonstraram ter uma ligação indivisível, logo, qualquer debate que se tenha sobre a língua deve levar isso em consideração, e, por isso, a necessidade de se ter estudos sobre as relações mente-língua são fundamentais para a compreensão da língua. Com o avanço desta área mais é revelado sobre esta relação.

Os estudos expostos neste artigo partem do ponto de vista da psicolinguística, conceituando essa área e, também, tratam sobre as habilidades cognitivas, sobre os processos de leitura, além de distúrbios de linguagem, sejam eles congênitos ou adquiridos, que causam alterações nas habilidades de leitura do indivíduo e do uso da língua feita por ele.

Os conceitos apresentados demonstram que a arquitetura física e abstrata que constroem a mente estão fundamentalmente conectadas às nossas capacidades de leitura. As informações discutidas aqui possibilitam um debate sobre a necessidade de se desenvolver metodologias e técnicas de ensino de línguas que considerem todas essas problemáticas. A capacidade de leitura está ligada não somente com uma questão de educação, mas também de socialização, já que a leitura é uma forma de interação com o mundo ao nosso redor e com a comunidade que fazemos parte.

Os estudos sobre distúrbios da linguagem também possibilitam o desenvolvimento de técnicas de reabilitação para pessoas que sofreram algum tipo de lesão cerebral ou começaram a desenvolver quadros de doenças degenerativas. Os casos de doenças analisadas dentro desses estudos mostram que realmente existe uma ligação inegável entre nossa mente e língua.

Referências

COSCARELLI, Carla Viana. Entendendo a leitura. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2329>. Acesso em: 10 abr. 2021.

COSCARELLI, Carla Viana. O ensino da leitura: uma perspectiva psicolinguística. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Maceió: Imprensa Universitária, dez. 1996, p. 163-174. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/PUCSBPC.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

COSCARELLI, Carla Viana.; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8118>. Acesso em: 10 abr. 2021.

DERWING, Bruce L.; ALMEIDA, Roberto. G. de. Métodos Experimentais em Lingüística. In: MAIA, Marcus.; FINGER, Ingrid (Org.). *Processamento da Linguagem*: série investigações em psicolinguística gt de psicolinguística da Anpoll. Pelotas: Educat, 2005. p. 401-442.

HÜBNER, Lilian Cristine. Distúrbios da Linguagem. In: MAIA, Marcus (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 99-112.

LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 217-234.

MORAIS, José.; KOLINSKY, Régine. Psicolinguística e leitura. In: MAIA, Marcus (Org.). *Psicolinguística, psicolinguística: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-141.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística e alfabetização. In: MAIA, Marcus (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, p.113-128.

SOUSA, Lucilene Bender de; GABRIEL, Rosângela. Fundamentos cognitivos para o ensino da leitura. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 57, p. 47-63, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1201/918>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Para citar este artigo

MARTINS, Maria Clara Machado; CUNHA, André Luis Horta da. Um panorama de leitura a partir de um ponto de vista psicolinguístico. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1604-1615, nov.-dez. 2021.

Os Autores

Maria Clara Machado Martins é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras da UFU (PPGEL-UFU/FAPEMIG).

André Luis Horta da Cunha é graduando de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras da UFU (ILEEL-UFU).

1615